



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALZUMAR COSTA BARROS

O CARNAVAL DE CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 E 70

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ALZUMAR COSTA BARROS

O CARNAVAL DE CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Artigo Científico, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B227c Barros, Alzumar Costa
O carnaval de Campina Grande nas décadas de 60 e 70
[manuscrito] / Alzumar Costa Barros. - 2016.
27 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Carnaval 3. Festa popular 4. Cultura I.
Título.

21. ed. CDD 907.2

ALZUMAR COSTA BARROS

O CARNAVAL DE CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Artigo Científico, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 01/11/2016.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Matusalém Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. José Emerson Tavares de Macedo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

O CARNAVAL DE CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Alzumar Costa Barros¹

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar os festejos carnavalescos de Campina Grande nas décadas de 60 e 70 do século XX, a partir das narrativas de foliões campinenses que participaram desses festejos. Mostrando, a partir dessas narrativas, como os moradores da cidade vivenciaram essa festividade e as diferentes maneiras de participação das classes sociais no evento. E, para tanto, inicialmente faremos um breve histórico sobre o surgimento do carnaval no Brasil, seu significado, sua origem desde a Mesopotâmia, quanto na Grécia e em Roma, até chegar ao Brasil, segundo os historiadores Mikhail Bakhtin (1987), Júlio Caro Baroja (1979), Roberto DaMatta (1997), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992) e Gurjão (2000). A metodologia utilizada foi a história temática, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas, utilizadas como fontes, além desta pesquisamos no Diário da Borborema e ao trazermos as discussões acerca do carnaval campinense, notadamente nas visões dos carnavalescos, acreditamos estar contribuindo para a memória do carnaval na cidade a partir destas festividades carnavalescas.

Palavras-chave: Carnaval. Cultura. Campina Grande.

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 CARNAVAL: UM BREVE HISTÓRICO DE SUA ORIGEM NO BRASIL	7
2 CARNAVAL CAMPINENSE: SEU ASPECTO HISTÓRICO-CULTURAL E SOCIOECONÔMICO.....	12
3 CARNAVAL EM CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 A 70.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24
ENTREVISTAS TEMÁTICAS	25

INTRODUÇÃO

Ao optar por estudar o carnaval de Campina Grande, na Paraíba, nas décadas de 60 a 70, é de fundamental importância compreender a definição de cultura popular no seu atual momento. Deve-se saber, também, se é importante para os estudos históricos e, ainda, como avaliá-lo num mundo em constante mudança, em que a indústria cultural apropria-se desses festejos. O presente trabalho aponta para a diversidade de relações sociais estabelecidas por ocasião dos festejos carnavalescos. Assim, distanciou-se das abordagens que tomam as festas como “resquícios de tempos memoriais” ou que vem na “subversão da ordem social” uma “essência” capaz de qualificar a festa em qualquer época ou contexto.

Os estudos de Chartier (1990) e Certeau (1994) contribuíram para analisarmos que o conceito de cultura popular é importante, na medida em que marca o lugar social onde é produzida e permite um revelar das diferenças e dos significados que as práticas culturais adquirem no seu fazer. Dentre os historiadores que discutem mais detidamente o carnaval, destaca-se o espanhol Júlio Caro Baroja (1979), que trata de manifestações populares no mundo ibérico, apresentando uma posição das mais originais.

Ressaltamos, que de início, descartamos uma origem pagã para esta festa, adotando na sua análise, apoiada em dados espanhóis, um método diverso dos que buscam para o carnaval uma motivação única e recorrente. Considera, ao contrário, a existência de motivações múltiplas, cuja explicação se torna necessária no interior de quadros históricos concretos.

Esse tema abordado foi escolhido por percebermos que dentro das tradições culturais da cidade foram poucas as pesquisas realizadas sobre os carnavais das décadas de 1960 a 1970, onde essa festividade, ainda nessa época, teve seu auge e decadência através de suas particularidades e curiosidades. Esse trabalho, também visa resgatar a memória de uma época em que o carnaval de Campina Grande, na Paraíba, tinha o glamour e uma certa pureza em sua essência, além de destacar a relevância da tradição cultural dessa festividade.

A importância dessa pesquisa se dá pelo fato de que, através das questões aqui evidenciadas, se possa ter uma visão reflexiva em torno da festividade

carnavalesca que deixou não só de existir, como também perdeu seu espaço dentro da história ou historicidade da cidade de Campina Grande.

Diante da temática abordada nesse trabalho, temos o intuito de fazer uma análise histórico-cultural sobre a importância que teve o carnaval de Campina Grande, nas décadas supramencionadas dentro de seu contexto histórico e que assim essa temática possa ser abordada de forma mais atenciosa na história dessa cidade.

As interpretações mostradas nesse trabalho foram construídas, na sua maioria, a partir de textos publicados no Diário da Borborema. As notas a respeito das festas carnavalescas analisadas sobre as décadas de 1960 a 1970, do presente trabalho, não foram completamente produzidas pelos jornalistas, eis que, em sua maioria, eram informações fornecidas pelos integrantes dos próprios grupos carnavalescos, indicando o local das festividades e o trajeto das apresentações públicas, convidando clubes, anunciando as novas fantasias e concursos, combinando horários de ensaios e reuniões.

Os jornais da cidade eram abertos à divulgação de informações fornecidas pelos próprios foliões. O Diário da Borborema era o periódico mais procurado por foliões que buscavam publicidade para esse festejo. Nesse sentido, temos por objetivo central compreender os significados orais destes grupos carnavalescos, bem como refletir sobre os festejos e articulá-los ao processo da narração oral, pelos foliões, de um espaço que rememora aquelas práticas carnavalescas da época e nos levam ao alcance de um olhar para as subjetividades presentes nas narrativas, entendendo estas como práticas sociais.

Para seguir esses objetivos, utilizamos como fontes as informações colhidas através de depoimentos orais de pessoas que vivenciaram o carnaval de Campina Grande, notas de jornais que registraram esses eventos, como exemplo, o Diário da Borborema, além de pesquisas realizadas em livros, no Museu Histórico de Campina Grande e na Secretaria de Cultura, fotografias de cena do carnaval campinense e entrevistas semiestruturadas, tendo como sujeitos de nossa pesquisa Eneida Agra Maracajá e Walter Tavares.

1 CARNAVAL: UM BREVE HISTÓRICO DE SUA ORIGEM NO BRASIL

O carnaval chegou ao Brasil durante a colonização, sendo uma festa tradicional e popular mais celebrada no Brasil e que, ao longo do tempo, tornou-se elemento da cultura nacional. Porém, o carnaval não é uma invenção brasileira e nem realizado apenas neste país. A História do Carnaval remonta à Antiguidade, tanto na Mesopotâmia quanto na Grécia e em Roma (PINTO, 2016).

A palavra carnaval é originária do latim, *carnis levale*, cujo significado é *retirar a carne*. O significado está relacionado com o jejum que deveria ser realizado durante a quaresma e também com o controle dos prazeres mundanos. Isso demonstra uma tentativa da Igreja Católica de enquadrar uma festa pagã.

Segundo Pinto (2016), na antiga Babilônia duas festas possivelmente originaram o que conhecemos como carnaval. As Saceias eram uma festa em que um prisioneiro assumia durante alguns dias a figura do rei, vestindo-se como ele, alimentando-se da mesma forma e dormindo com suas esposas. Ao final, o prisioneiro era chicoteado e depois enforcado ou empalado.

O outro rito era realizado pelo rei nos dias que antecediam o equinócio da primavera, período de comemoração do ano novo na região. O ritual ocorria no templo de Marduk, um dos primeiros deuses mesopotâmicos, onde o rei perdia seus emblemas de poder e era surrado na frente da estátua de Marduk. Essa humilhação servia para demonstrar a submissão do rei à divindade. Em seguida, ele novamente assumia o trono (PINTO, 2016).

Conforme o mesmo autor, o que havia de comum nas duas festas e que estavam ligadas ao carnaval era o caráter de subversão de papéis sociais: a transformação temporária do prisioneiro em rei e a humilhação do rei frente ao deus. Possivelmente a subversão de papéis sociais no carnaval, como os homens vestirem-se de mulheres e vice-versa, pode encontrar suas origens nessa tradição mesopotâmica.

As associações entre o carnaval e as orgias podem ainda se relacionar às festas de origem greco-romana, como os bacanais (festas dionisíacas, para os gregos). Seriam festas dedicadas ao deus do vinho, Baco (ou Dionísio, para os gregos), marcadas pela embriaguez e pela entrega aos prazeres da carne (PINTO, 2016).

Havia ainda em Roma as Saturnálias e as Lupercálias². As primeiras ocorriam no solstício de inverno, em dezembro, e as segundas, em fevereiro, que seria o mês das divindades infernais, mas também das purificações. Tais festas duravam dias, com comidas, bebidas e danças. Os papéis sociais também eram invertidos temporariamente, com os escravos colocando-se nos locais de seus senhores, e estes colocando-se no papel de escravos (LEITE *apud* VIEIRA; TEIXEIRA, 2006).

Mas tais festas eram consideradas pagãs³. Com o fortalecimento de seu poder, a Igreja não via com bons olhos as festas. Nessa concepção do cristianismo, havia a crítica da inversão das posições sociais, pois, para a Igreja, ao inverter os papéis de cada um na sociedade, invertia-se também a relação entre Deus e o demônio. A Igreja Católica buscou então enquadrar tais comemorações. A partir do século VIII, com a criação da quaresma, tais festas passaram a ser realizadas nos dias anteriores ao período religioso. A Igreja pretendia, dessa forma, manter uma data para as pessoas cometerem seus excessos, antes do período da severidade religiosa (ALMEIDA, 1975).

Dentre os historiadores que analisam mais detidamente o carnaval, destaca-se o espanhol Júlio Caro Baroja (1979), que trata de manifestações populares no mundo ibérico, apresentando uma posição das mais originais. Descarta, de início, uma origem pagã para esta festa, adotando na sua análise, apoiada em dados espanhóis, um método diverso dos que buscam para o carnaval uma motivação única e recorrente. Considera, ao contrário, a existência de motivações múltiplas, cuja explicação se torna necessária no interior de quadros históricos concretos.

² A Saturnália era um festival romano em honra ao deus Saturno que ocorria no mês de dezembro, no solstício de inverno (era celebrada no dia 17 de dezembro, mas ao longo dos tempos foi alargada à semana completa, terminando a 25 de dezembro). As Saturnálias tinham início com grandes banquetes e sacrifícios; os participantes tinham o hábito de saudar-se com *io Saturnalia*, acompanhado por doações simbólicas. Durante estes festejamentos subvertia-se a ordem social: os escravos se comportavam temporariamente como homens livres; elegia-se, à sorte, um "princeps" – uma espécie de caricatura da classe nobre – a quem se entregava todo o poder. Na verdade a conotação religiosa da festa prevalecia sobre aquela social e de "classe". O "princeps" vinha geralmente vestido com uma máscara engraçada e com cores chamativas, dentre as quais prevalecia o vermelho (a cor dos deuses). A Lupercalia, Lupercália, Lupercalis ou Festas Lupercalis era um festival pastoril romano, celebrado a XV Kalendas Martias.

³ A palavra pagão provém do latim *paganus*, cujo significado é o de uma pessoa que viveu numa aldeia, num dado país, um rústico. O uso mais comum da palavra no latim clássico era utilizado para designar um civil, alguém que não era um soldado. Em torno do século IV, o termo *paganus* começou a ser utilizado entre os cristãos no Império Romano, para se referir a uma pessoa que não era um cristão e que ainda acreditava nos antigos deuses romanos. Por extensão, festa pagã significa festa imoral, mundana, a qual contraria os preceitos cristãos.

Para ele, o carnaval é filho dileto do cristianismo, e a forma com a qual se apresenta, desde a Idade Média europeia, demonstra estar intimamente ligado à ideia de quaresma. Esclarece, porém, que isto não impede que nele permaneçam incluídas muitas das festas de origem pagã; também concorda que o carnaval se caracteriza pelo relevo dos “valores pagãos da vida”, em contraste com o período de exaltação do sofrimento e do luto, “valores cristãos” da quaresma. Tal fato, porém, não autoriza a pensar-se como muitos folcloristas, numa teoria das sobrevivências, na busca de um fundo comum. Pode-se, no máximo, segundo Baroja (1979), falar de semelhanças na morfologia ritual, no tempo e no espaço.

Durante os carnavais medievais por volta do século XI, no período fértil para a agricultura, os homens jovens que se fantasiavam de mulheres saíam nas ruas e campos durante algumas noites. Diziam-se habitantes da fronteira do mundo dos vivos e dos mortos e invadiam os domicílios, com a aceitação dos que lá habitavam, fartando-se com comidas e bebidas, e também com os beijos das jovens das casas (BAROJA, 1979).

No Renascimento, nas cidades italianas, surgia a *commedia dell'arte*, teatros improvisados cuja popularidade ocorreu até o século XVIII. Em Florença, canções foram criadas para acompanhar os desfiles, que contavam ainda com carros decorados, os *trionfi*. Em Roma e Veneza, os participantes usavam a *bauta*, uma capa com capuz negro que encobria ombros e cabeça, além de chapéus de três pontas e uma máscara branca (BAROJA, 1979).

Analisando o princípio cômico que presidia os ritos do carnaval na Idade Média, Bakhtin (1987) afirma a exterioridade desses ritos com relação à Igreja e à religião. Certas formas carnavalescas constituíam uma verdadeira paródia do culto religioso e estariam mais relacionadas às formas do espetáculo teatral, que naquele período se aproximava dos carnavais populares, dos quais constituía até certo ponto uma parte.

No entanto, o núcleo desta cultura, o carnaval, não é de maneira nenhuma a forma puramente artística do espetáculo teatral e não entra no domínio da arte. Ele se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. É a própria vida, apresentada com os elementos característicos da representação. Ou seja:

[...] o carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Também, ignora o palco mesmo na sua forma embrionária. Pois o palco teria destruído o carnaval (e inversamente, a destruição do

palco teria destruído o espetáculo teatral). Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval, pela sua própria natureza, existe para todo o povo (BAKHTIN, 1987, p. 6).

Assim, contrastando com o carnaval e outras festas populares e públicas em que ocorria uma relação com os fins superiores da existência humana, as festas oficiais contribuía, apenas, para sancionar o regime em vigor, para fortificá-lo. Olhavam para trás, para o passado, confirmando a ordem social da época. As distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, sendo finalidade destas festas a consagração da desigualdade. Por isso, o tom da festa oficial só podia ser o da sisudez e o princípio cômico lhe era estranho. Em contraposição, o carnaval era sinônimo de liberação e abolição de hierarquias, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo e do futuro, das alternâncias e renovações. Oponha-se a toda a perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontando para um futuro ainda incompleto (BAKHTIN, 1987).

O século XVII assinalaria o momento de mudança dessa concepção, com a estabilização do novo regime da monarquia absoluta, que tem sua expressão ideológica na filosofia racionalista de Descartes e na estética do classicismo. Novamente, instala-se uma cultura oficial, distinta daquela da Igreja e do feudalismo, menos dogmática, mas, como esta última, impregnada de um tom sério e autoritário. Os gêneros elevados do classicismo, com sua completude dos costumes, sua unilateralidade e uniformidade de imagens, são incompatíveis com a ambivalência da tradição cômica grotesca. Esta tradição não desaparece, porém. Continua a lutar por seu direito à existência, em determinados gêneros, como a comédia, a sátira e a fábula, nos gêneros burlescos; também sobrevive no teatro popular e no próprio carnaval, pois o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível. Embora reduzido e debilitado, continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura (BAKHTIN, 1987).

Para Bakhtin (1987), a história do carnaval no Brasil iniciou-se no período colonial, uma das primeiras manifestações carnavalescas neste período foi o entrudo, uma festa de origem portuguesa que na colônia era praticada pelos escravos. Depois surgiram os cordões e ranchos, as festas de salão, os corsos e as escolas de samba. Afoxés, frevos e maracatus também passaram a fazer parte da tradição cultural carnavalesca brasileira. Marchinhas, sambas e outros gêneros musicais também foram incorporados à maior manifestação cultural do país.

No Brasil, duas obras clássicas sobre o carnaval foram construídas por cientistas sociais. Roberto DaMatta (1997), antropólogo, autor de *“Carnavais, Malandros e Heróis”*. Ao analisar o *“Carnaval Brasileiro”* (baseado exclusivamente no carnaval carioca), DaMatta (1997) defendeu que essa festa é uma “totalidade abrangente” onde “todos” os brasileiros se “reconhecem” e se “igualam”. Dessa forma, DaMatta (1997) suprime a possibilidade de diferentes identidades se constituírem a partir da festa e não se mostra atento, por exemplo, às especificidades dos carnavais em outras regiões do Brasil.

A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992), na obra *“Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito”*, também atribuiu ao “carnaval brasileiro” um sentido unívoco: festa nacional, com poucas variações regionais, transformada ao longo do tempo pelas modificações estruturais da sociedade, passando pela manifestação burguesa (“carnaval veneziano”) à manifestação cultural “popular” (bloco e escolas de samba), o que teria acontecido sem muitas variações em todo Brasil.

A referência internacional mais conhecida sobre o tema foi realizada pelo linguista russo Mikhail Bakhtin (1987), em *“A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”*, onde, nesse estudo, a “cultura popular” e o carnaval foram compreendidos através da sua oposição à “cultura oficial” (da Igreja e do Estado) – e não à “cultura das elites”, com a qual se estabeleciam trocas e influências recíprocas. É de Bakhtin (1987) a noção de “circularidade cultural”, que permite o entendimento de Rabelais como um intermediário entre essas duas culturas (popular e elite). Não apenas Bakhtin (1987), mas outros historiadores e cientistas sociais que se têm voltado para o estudo da festa, concebem o carnaval como a mais importante delas. As interpretações do autor sugerem a existência de uma “essência” ou uma “inerência” que supostamente caracterizaria a cultura popular e o carnaval de qualquer época, em qualquer contexto histórico: o caráter subversivo de valores e normas sociais dominantes.

Assim pensa Bakhtin (1987), que afirma ser as festividades, qualquer que seja o seu tipo, uma forma primordial e marcante da civilização humana. A vinculação com os fins superiores da existência humana, com o mundo dos ideais, é condição essencial para que aconteça um clima de festa. Esta relação, contudo, só se realiza plenamente nas festas populares e públicas, mormente no carnaval. Nele todos são iguais, penetrando o povo temporariamente no reino utópico da

universalidade, liberdade e abundância; ocorre o triunfo de uma liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, abolindo-se provisoriamente todas as relações hierárquicas, regras e tabus. Estabelecem-se, desta forma, entre os indivíduos, relações novas, verdadeiramente humanas, desaparecendo provisoriamente a alienação. Importa acentuar que para Bakhtin (1987) o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível, fecundando os diversos domínios da vida e da cultura.

Nesse conseqüente, foram citados alguns dos autores que se constituíram em matrizes e deram grande suporte posteriormente aos atuais historiadores para o desenvolvimento da análise sobre o carnaval. Sendo assim, analisaremos a seguir os mecanismos de interação social ao longo dessas décadas de 60 e 70, dentro da festividade carnavalesca quanto às mudanças nesse contexto, e ainda, os aspectos histórico-cultural e econômico durante aquele período.

2 CARNAVAL CAMPINENSE: SEU ASPECTO HISTÓRICO-CULTURAL E SOCIOECONÔMICO

Antes de iniciarmos a análise das festas carnavalescas produzidas a partir de 60 a 70, faz-se necessário discorrer sobre o aspecto socioeconômico e histórico-cultural para que assim possamos visualizar quais práticas e discursos constituíam Campina Grande e sua sociedade e como esta se apresentava ao adentrar a década de 60, sua economia e sua influência nos festejos carnavalescos.

No decorrer do século XX, a capital da Paraíba, João Pessoa, perdeu importância e viu a ascensão de Campina Grande, cidade do interior do Estado.

A economia pessoense, na primeira metade do século, praticamente se estagnou. Até os anos 60, era praticamente uma capital administrativa, pois Campina Grande aproximou-se do posto de cidade mais importante do Estado, já que, nesse período, Campina Grande despontava como importante polo comercial e industrial não só do Estado, mas também da região Nordeste, passando a arrecadar mais impostos do que a Capital (SOUZA, 2002).

O historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza (2002) ressaltou que na década de 50:

Campina se destacava no cenário regional por ser o centro comercial mais populoso do Estado da Paraíba e um dos maiores do Nordeste. E apesar de já haver passado o período áureo da produção algodoeira, que foi durante muito tempo o carro chefe de seu desenvolvimento econômico, a cidade ainda rendeu aos cofres públicos no final da década de 50 (mais precisamente em 1956) a receita de Cr\$ 48.806.935,00, o que era uma arrecadação maior até do que a capital do Estado, João Pessoa (SOUZA, 2002, p. 41).

Além disto, Campina Grande dispunha de importante mercado com escoamento rápido para todas as capitais e cidades do Nordeste, através de uma vasta rede ferro-rodoviária, o que facilitava sobremaneira o fluxo de pessoas e mercadorias.

Entre as décadas de cinquenta e final de sessenta, muitas empresas que haviam se instalado na cidade, atraídas, ainda, pelo reavivamento da fase áurea do algodão, contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico campinense. Podemos destacar a Escola Técnica do Comércio de Campina Grande, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (1956), a Faculdade Católica de Filosofia de Campina Grande (1952), a Faculdade de Serviço Social de Campina Grande (1951), origem da Universidade Regional do Nordeste (URNe), criada em 1966, através de Lei Municipal e transformada, em 1986, na Universidade Estadual da Paraíba. Foram, também, criadas nessas décadas várias empresas municipais e órgãos voltados para o desenvolvimento da cidade; a Campanha Municipal de Desenvolvimento (COMUDE), criada pela Prefeitura Municipal em 1956. Em 1957, fora criada a SANESA, a primeira Sociedade Mista de Água e Esgoto de todo o Brasil e da América do Sul. Segundo Lima (*apud* LIMA et al., 1999), a base do modelo da SANESA serviu posteriormente para a criação da TELINGRA, criada em 1955, o Fundo de Desenvolvimento Agro-Industrial (FADIN), o Banco de Fomento Agrícola S.A. (BANFOP), criado em 1959, além da Wallig Nordeste S.A., CANDE, FIBRASA, PREMOL e IPELSA, todas criadas em 1966. Segundo o historiador Damião de Lima:

A cidade participou da preparação do projeto de industrialização, desde as primeiras discussões sobre a mudança na política oficial para região Nordeste e já se destacava no Estado [...] a única cidade do interior do Brasil, não capital de Estado, que tornou-se sede de um órgão de liderança do processo de industrialização do país, a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP (LIMA *apud* LIMA et al., 1999, p. 10).

Entretanto, no final dos anos 60 início de 70 a imagem de cidade moderna, desenvolvida, progressista, industrializada e, portanto, grandiosa havia se deteriorado sensivelmente e perdido parte de seu sentido com a crise no setor econômico e político da cidade.

E, nesse sentido, Stênio Lopes (1989) parece resumir e enunciar o sentimento da elite de Campina Grande frente dos acontecimentos:

O final do decênio (60) foi marcado pelo pessimismo da gente campinense. Parecia a muitos que nada mais dava certo nesta cidade. O comércio decaía, a indústria não mantinha o mesmo ritmo de crescimento. As punições do Governo Federal, sucessivamente, contra dois prefeitos regularmente eleitos pela população, as dificuldades enfrentadas por órgãos públicos importantes, tudo isto fazia a cidade cética, descrente e sem o otimismo característico de sua gente (LOPES, 1989, p. 11).

Importante destacar que a economia também influenciou nas festas carnavalescas nesse período de 60 a 70, eis que a maioria era patrocinada pela elite campinense: banqueiros, classes produtoras, comerciantes, empresários, industriais, os quais impulsionavam a economia da cidade, conforme relatos de Eneida Agra Maracajá⁴ (2016) e Walter Tavares⁵ (2016). Tanto tais discursos procedem que, com a crise no setor algodoeiro e posteriormente a falência no processo de industrialização no final da década de 60, início de 70, ocorreu a decadência do carnaval em Campina Grande, sendo este um dos fatores que contribuiu para tal acontecimento.

3 CARNAVAL EM CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 60 A 70

Neste tópico, tornamos as festas carnavalescas produzidas a partir de 1960 a 1970, justamente aquelas que muitos intelectuais, letrados e a mídia em geral nomeiam como um dos grandes símbolos da “cultura e da identidade nacional”, o carnaval.

Certeau (1994, p. 178) nos lembra que todo relato é uma prática de espaço e são as narrativas que vão “precisar as formas elementares das práticas organizadoras do espaço: a bipolaridade mapa e percurso, os processos de delimitação ou de limitação e as focalizações enunciativas”.

⁴ Entrevista concedida ao autor em 20 de setembro de 2016.

⁵ Entrevista concedida ao autor em 26 de setembro de 2016.

Entretanto, faz-se necessário retroagir às décadas de 30, 40, 50, antes de adentrarmos ao tema central deste artigo, eis que, segundo depoimentos colhidos, trata-se de décadas mais importantes para a cidade e para a história do carnaval campinense, época em que ocorreu o auge do carnaval em Campina Grande.

Segundo Gurjão (2000), é exatamente entre as décadas de 30 e 40 que Campina Grande se transformou, se desenvolveu e se modernizou com mais velocidade, uma vez que:

Além de superar a Capital do Estado em termos de crescimento urbano e demográfico, Campina a supera também em arrecadação de impostos e rendas públicas, quando de 1940 a 1944 ultrapassa a renda arrecadada por João Pessoa, sendo neste último ano a renda municipal o dobro da obtida nessa capital. É [neste mesmo] período que Campina enfeita-se de alegrias, de carnavais, de retretas, de cinemas, de artistas, e difusoras, de mulheres deslumbrantes e de casos de amor arrepiantes aos olhos dos conservadores, mas sedutores aos olhos dos “boêmios” e mulheres livres que habitavam as noites deliciosamente perigosas e fogosas da Campina burguesa (GURJÃO, 2000, p. 67).

Assim, conclui-se que o discurso de Gurjão (2000) coloca as décadas de 30, 40 e 50 como as mais importantes da história da cidade. Além disso, a autora também apresenta uma Campina que despontava naquelas décadas como a principal cidade do Estado, tanto do ponto de vista econômico e demográfico, quanto do ponto de vista físico e urbano.

Em entrevista concedida, a professora Eneida Agra Maracajá (2016) narrou com saudosismo sobre os carnavais em Campina Grande, ressaltando a grandiosidade dos eventos carnavalescos nos anos 40, 50 e 60 e sua decadência nos anos 70.

Foi na Rua Maciel Pinheiro onde nasci e, no antigo sobrado de meus avós, que instalei o primeiro teatrinho, onde vivi toda a minha infância e adolescência, vi e brinquei os mais belos carnavais de meu existencial. Blocos famosos, troças carnavalescas, bois, La ursas e papangus me fascinavam. Fosse nas ruas, nas calçadas ou na varanda do sobrado, os clarins do frevo embalavam o meu coração inocente de criança e incendiavam a minha imaginação de adolescente. Os carnavais eram patrocinados pelo poder público, porém era uma ajuda insignificante, se realizavam nas ruas e nos clubes da cidade, notadamente no Clube Ypiranga, do Éden, entre outros. A elite de Campina ia aos clubes à noite e durante o dia desfilava nos cursos (carros abertos, sem capotas) pelas ruas Marques do Herval, Maciel Pinheiro e Floriano Peixoto, entre outras,

lá se apresentavam os Blocos, as Troças, as La Ursas, Maracatus e escolas de samba.

Ainda a este respeito, Eneida Agra Maracajá (2016) relatou que:

Os blocos eram divididos como da elite e dos populares, sendo o bloco Lero Lero e dos Lenhadores dos populares e Zé Pereira e do Jacaré da elite, sendo embalados pelas marchinhas e os lança perfume. Entretanto, nos anos 70 veio à decadência do carnaval em Campina, já não era mais como antes, pois a sociedade, ou seja, a “elite” passou a acreditar que ser chique era sair da cidade, viajar para outros Estados e participar de outros carnavais fora da cidade, ou até mesmo curtir as praias da capital. Foi assim que em 1991, quando o Carnaval do Axé da Bahia, com as suas mortalhas e coreografias exóticas, tomou conta da Micarande de Campina, virei um pé de saudade e fundei o Bloco da Saudade. O entusiasmo e irrestrito apoio dos artistas no Hall do Teatro Municipal Severino Cabral fez-se euforia, acendeu a chama dos antigos foliões, boêmios, intelectuais e do povo todo, que foi ao Beco 31 frevar e cantar, sob o olhar do poeta e livreiro José Pedrosa. Após aquele baile popular, os foliões envoltos pelos confetes e serpentinas saíram pelas ruas, comandados por Capiba e Claudionor Germano, no Frevioca do Recife. Bem, carnavalesca eu o sou. Um pé de saudade, também o sou. E que nenhuma Yayá venha quebrar o meu jarro – o jarro onde plantei a flor – a flor da saudade de todas as minhas saudades. Na minha concepção, o Carnaval é uma manifestação cultural-científica e democrática, pois é livre a manifestação ao público em geral, sem restrição de raça, sexo ou religião.

No discurso de Eneida Agra Maracajá percebe-se claramente que, apesar do carnaval ser uma festa popular e de livre manifestação do público em geral, existiam as diferenças sociais nos festejos carnavalescos, tanto no que diz respeito ao uso dos espaços, quanto na apresentação de suas práticas diversionais dos demais segmentos que compunham a sociedade local.

Assim, naquele período os festejos carnavalescos se apresentavam, para as elites, como mais uma oportunidade de reafirmarem e atualizarem o seu *status* econômico, social e político.

Ainda com relação ao referido discurso, verifica-se através de seu relato sobre os festejos carnavalescos o glamour e uma certa pureza em sua essência, além de destacar a relevância da tradição cultural dessa festividade na cidade.

O memorialista Walter Tavares (2016), em mesmo sentido, relembra uma época esplendorosa do carnaval brasileiro resgatado em Campina Grande, mostrando que:

Impossível falar de carnaval em Campina Grande sem citar o nome de um dos foliões mais importantes no início do século XX, que foi Neco Belo, personalidade marcante nos carnavais de Campina Grande até o ano de 1918; folião e militar que, na época, era responsável pela compra de fantasias em Alagoa Grande, patrocinadas pelos Senhores do Algodão. Nos anos 26 a 50 os blocos de rua marcaram época. Blocos Caiadores e Beija-flor disputavam o carnaval de rua. Já no final dos anos 50 ocorreu o surgimento das escolas de samba. Nas décadas de 60 e 70, a época esplendorosa do carnaval brasileiro resgatada na Campina Grande “profana e festeira em todas as suas folias brejeiras”. Époça em que a mecanização dos trios elétricos ainda não tinha acabado com a espontaneidade das orquestras de rua, e o cordão de isolamento dos blocos de axé-music ainda não tinha criado o preconceito que separa foliões, e o carnaval era um fenômeno social que unia e nunca separava. Era o autêntico carnaval brasileiro com fantasias, máscaras, frevo, samba, marchinhas, estandartes, os fabulosos bonecos gigantes de Breno Matos, confete e serpentina. O carnaval de Campina Grande reunia foliões ilustres e foliões anônimos, jovens, velhos e crianças que, juntos, simbolizavam o verdadeiro carnaval e, em sentido mais largo, o próprio espírito do povo campinense. Dentre os bailes famosos estava o Lero-Lero, a La Ursa da tarde e o desfile tradicional do bloco no sábado de Zé Pereira. Vale lembrar que os bailes famosos se realizavam nos Clubes do Ypiranga, Éden Clube, Paulistano Esporte Clube, Clube do Cabo Branco e do Campinense, sendo certo que somente a elite participava. Nos anos 70 ainda existiam bailes famosos, mas não com a mesma grandiosidade que existiam antes. A meu ver, o declínio do Carnaval campinense começou no final dos anos 60 e início dos anos 70 devido à falta de incentivo financeiro em razão da decadência do algodão. Também pelo fato de a elite ter deixado de participar, como o fazia antes, preferindo viajar para o litoral ou para outros Estados. Hoje o que existem são apenas os carnavais de subúrbios, sendo certo que o carnaval folclórico ainda permanece vivo na periferia de Campina Grande.

Walter Tavares (2016) destaca Neco Belo como personalidade marcante nos carnavais de Campina Grande no início de século XX, ressaltando a sua importância e contribuição para a história do carnaval de Campina como folião nos festejos carnavalescos da época.

Ainda em seu discurso, qualifica Campina Grande como profana e festeira, não só durante os festejos carnavalescos, como em todas as suas folias, mas que durante os festejos carnavalescos, seguindo a cultura nacional, transgride as regras sagradas e se torna contrária ao respeito devido às coisas divinas.

Segue sua narrativa destacando a diferença entre os carnavais da década citada, objeto de estudo, e dos atuais, notadamente os compostos por trios elétricos originário da Bahia, tendo características completamente diferentes que, segundo o entendimento de Walter Tavares (2016), sem o glamour, a pureza, a espontaneidade que os autênticos carnavais proporcionavam naquela época.

É possível verificar, através de sua narrativa, mesmo que de forma sutil, a diferença de classes sociais, a participação da elite em determinados eventos carnavalesco, provavelmente ficando aos demais segmentos da sociedade campinense reservado o papel de meros espectadores, tendo em vista o poder aquisitivo.

Ressalta ainda que a crise econômica foi um dos fatores que favoreceu para o declínio do carnaval, haja vista a falta de incentivo financeiro decorrente da crise do algodão, além do fato de a elite campinense ter deixado de participar dos festejos carnavalescos campinenses na mesma intensidade que fazia antes.

Entretanto, é notória, tanto na narrativa de Eneida Agra Maracajá (2106) quanto na de Walter Tavares (2106), a saudade que sentem daquela época carnavalesca de Campina Grande, a qual vivenciaram em sua plenitude. Relatam com tristeza a decadência do carnaval na cidade, sendo perceptível em seus relatos que tentam reviver um passado distante através de suas memórias.

Segundo a narrativa dos carnavalescos da época e informações obtidas através do endereço eletrônico do Museu do Esporte de Campina Grande, o Corso nas décadas de 1960 e 1970 da cidade era outra tradição, sendo o Jipe, sem capotas, um dos veículos mais utilizados. Existiam também muitas caminhonetes e caminhões que eram utilizados, eis que, por serem veículos abertos, eram essenciais para brincadeira, conforme imagens abaixo, extraídas do *site*:



Figura 2: O corso.

Fonte: Museu Virtual do Esporte (2013).

A Figura 2 destaca os foliões desfilando no corso, tradição na época. Entretanto, a folia nos clubes se dava, em sua maioria, pela elite de Campina Grande. No salão dos clubes, o trajeto dos foliões consistia em uma movimentação em círculo, obedecendo ao sentido horário, mas também havia alguns foliões que preferiam brincar no sentido anti-horário. Segundo informações obtidas, os foliões se movimentavam no salão em conformidade com a música: marchinhas, frevos, entre outras.

Numa época em que realmente se brincava carnaval em Campina Grande, os blocos formados por amigos, parentes ou amigos de amigos saíam pelas ruas da cidade, visitando casas para o “assalto”, antiga tradição de alguns blocos carnavalescos. Este hábito consistia em fazer visitas a diversas residências, cujos proprietários ofereciam bebidas e comidas aos participantes do bloco. A organização do bloco fazia antecipadamente um levantamento de quem poderia ser “assaltado”, então definia os locais onde o bloco deveria passar.



Figura 3: Baile na AABB.
Fonte: Museu Virtual do Esporte (2013).

A Figura 3 retrata os foliões num baile carnavalesco realizado na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), durante a década e 60.



Figura 4: Os bailes nos clubes.
Fonte: Museu Virtual do Esporte (2012).

As fotos das décadas de 60 a 70 quase todas eram em preto e branco, conforme se verifica na Figura 4. A seguir, registram-se algumas imagens de blocos dos antigos carnavais de Campina Grande.

Bloco Candangos do Amor 1963



Figura 5: Desfile dos blocos.
Fonte: Museu Virtual do Esporte (2013).

A Figura 5 retrata o carnaval da década de 60, com ênfase no desfile do bloco denominado “Candangos do Amor”, de 1963, que destaca suas fantasias.



Figura 6: Bloco A Bandalheira.
Fonte: Museu Virtual do Esporte (2015).

A Figura 6 retrata um grupo de amigos de Campina Grande que, nos anos 60, inspirados pela música “A Banda” de Chico Buarque, criou um bloco carnavalesco denominado “A Bandalheira”.

Enfim, o carnaval era uma espécie de conagraçamento dos jovens e dos cidadãos de Campina Grande, que se organizavam em blocos para empreender visitas nas residências previamente escolhidas.

O carnaval de Campina Grande era para o povo e famílias inteiras participavam em praticamente todos os bairros. De criança a idosos, todos podiam participar da folia, pois se gastava pouco dinheiro e havia muita alegria e respeito. Notável é que não existia essa violência hodierna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final dos anos 70 representou o final dos grandes carnavais de clubes. Nesse período, o carnaval de bairro já estava em decadência não só em Campina Grande, mas na maioria das cidades nordestinas.

Acreditamos que esse estudo contribuiu para a pesquisa em história sobre as festividades carnavalescas, sobretudo quando ressaltada a realidade campinense no contexto histórico proposto.

E ainda, diante das análises e discussões contidas nesse trabalho, foi possível compreender que para Maria Isaura, como também para Da Matta, a festa carnavalesca é percebida como aparente situação-limite de informalidade e de incontinência total, cujos rituais objetivam uma comemoração cósmica e que, na verdade, constitui uma inversão para a manutenção das hierarquias. Estes autores veem o carnaval como uma válvula de escape para as tensões do cotidiano, permitida, controlada e estimulada pelos grupos dominantes. Constituir-se-ia, em um recurso utilizado pelo poder para manipular e reforçar a ordem vigente, capitalizando em proveito próprio os excessos nele manifestados.

Enquanto isso, percebemos que Bakhtin aponta para uma situação utópica, mas verossímil. A abundância, a alegria e o relacionamento superior entre os indivíduos, abolindo-se “todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus”, características próprias da cultura cômica popular, poderiam predominar, não apenas no carnaval, mas também na vida comum. Constituir-se-ia uma sociedade em que o riso, privilégio da humanidade, inacessível a outras criaturas, fosse a marca; reconhecendo-se sua significação positiva, regeneradora criadora, em contraposição às teorias e filosofias que acentuam sua função maculadora. Impregnados desses ideais, homens e mulheres.

Ressaltamos a importância que teve o carnaval de Campina Grande nas décadas supramencionadas dentro de seu contexto histórico, com o propósito de demonstrar uma visão reflexiva em torno da festividade carnavalesca, a qual deixou de existir e perdeu seu espaço dentro da história ou historicidade de Campina Grande. Com isso, esperamos ter resgatado memórias de carnavais glamorosos vividos nessa cidade na época de 1960 a 1970.

Também, ao trazermos as discussões acerca do carnaval campinense nas visões dos carnavalescos, acreditamos estar contribuindo para a memória do carnaval e para as pesquisas no curso de História sobre as festividades carnavalescas em Campina Grande, nas décadas de 60 a 70.

ABSTRACT

That article has for objective to analyze the carnival feasts of Campina Grande in the decades of 60 and 70 of the century XX, starting from the narratives of buffoons campinenses that participated in those feasts. Showing, starting from those narratives, as the residents of the city lived that festivity and the different ways of participation of the social classes in the event. And, for so much, initially we will make a historical abbreviation on the appearance of the carnival in Brazil, meaning, origin from Mesopotamia, as in Greece and in Rome, until arriving to Brazil, according to the historians Mikhail Bakhtin (1987), Júlio Caro Baroja (1979), Roberto DaMatta (1997), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992) and Gurjão (2000). The used methodology was the thematic history, where interviews half structured were accomplished, used as sources, besides this we researched in the Borborema Diary and to the we bring the discussions concerning the carnival campinense, especially in the merrymakers' visions, we believed to be contributing to the memory of the carnival in the city starting from these carnival festivities.

Keywords: Carnival. Culture. Campina Grande.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira. **Paganismo: sua sobrevivência no Ocidente peninsular**. Separata Memorian António Jorge Dias, 2, Lisboa, 1975.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hutitec, 1987.

BAROJA, Júlio Caro. **Le carnaval**. Paris: Gallimard, 1979.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Campina Grande: Secretaria Municipal de Educação, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 1960** – Publicado em D.B. – 02.10.1960. Busca. Disponível em: <www.db.com.br>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA. Campina Grande em cem anos: uma aldeia que se fez metrópole. **Capa**. Campina Grande-PB, 11-10-1964.

LEITE, Leni Ribeiro. Saturnália – Tempo De Presentes. In: **Intertextualidade e pensamento clássico** (pdf). Rio de Janeiro: Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos. VIEIRA, Ana Thereza Basílio; TEIXEIRA, Auto Lyra (Orgs.). Dept. de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ, 2006.

LIMA, Damião. Tempos de desenvolvimento e crise na economia campinense. In: LIMA, Damião et al. **Estudando a história da Paraíba**. Campina Grande: Gráfica Marcone, 1999.

LOPES, Stênio. **Campina Grande** – luzes e sombra. Campina Grande: Edições Grafset, 1989.

MUSEU VIRTUAL DO ESPORTE. Campina Grande. **Imagens**: o corso; baile na AABB, os bailes nos clubes; desfile dos blocos; Bloco Bandalheira. Postadas em 2012/2013/2015. Disponível em: <museudoesportedecampinagrande.com.br>. Acesso em: 05 de outubro de 2016.

PINTO, Tales dos Santos. **História do carnaval e suas origens**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Carnaval brasileiro** – o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos**: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese de Doutorado. Recife-PE, UFPE, 2002.

ENTREVISTAS TEMÁTICAS

Eneida Agra Maracajá. Entrevista concedida ao autor em 20 de setembro de 2016. Bairro do Centro (Campina Grande – PB). Transcrita a partir de textos manuscritos.

Walter Tavares. Entrevista concedida ao autor em 26 de setembro de 2016. Bairro do Centro (Campina Grande – PB). Transcrita a partir de textos manuscritos.